

A perspectiva de História de Eduardo Galeano: Uma breve análise das veias abertas da América Latina

Felipe Yann Cavalcanti Gonçalves, USP¹

Resumo

Este artigo pretende esboçar uma análise da Teoria da História que o escritor e jornalista Eduardo Galeano utiliza na obra *As veias abertas da América Latina* e os problemas decorrentes de tal abordagem. O intuito é lançar luz em parte do método, das teorias e dos conceitos que o autor utiliza para responder às questões levantadas em sua obra por meio da História e as consequências decorrentes disso.

Palavras-chave: Teoria da História, As veias abertas da América Latina, Eduardo Galeano

Abstract

This article seeks to outline an analysis of the Theory of History that the writer and journalist Eduardo Galeano utilizes in his work *Open Veins of Latin America: Five Centuries of the Pillage of a Continent* and the resulting problems of such approach. The intent is to shed light into part of the method, theories and concepts that the author uses to answers the questions raised in his work by the means of History and the resulting consequences.

Keywords: Theory of History, Open Veins of Latin America, Eduardo Galeano

Introdução

Em *As veias abertas da América Latina*, Galeano engendra uma narrativa sobre a exploração da América Latina por parte dos colonizadores. Uma história de vencidos e vencedores, que aborda toda a espoliação imposta pelo imperialismo, que atribui papéis e funções específicos, decorrentes da organização do sistema capitalista, ou seja, da sociedade de classes, da ordem burguesa. Assim, o intuito deste artigo é esboçar uma análise da perspectiva, dos conceitos e dos pressupostos que foram utilizados na confecção desta narrativa.

Primeiro, será esboçada uma análise sobre os pressupostos teóricos e os conceitos utilizados pelo autor na obra. Em seguida, haverá uma pequena investigação acerca do método e da abordagem que é empregada por Galeano na construção de sua narrativa sobre a América Latina. Por fim, será apresentada uma conclusão relativa à investigação aqui feita.

Pressupostos Teóricos

Estão presentes na obra muitos elementos do pensamento marxista, já que Galeano parece enxergar o povo latino-americano como aqueles que foram vencidos e explorados pelos colonizadores. Dessa forma, o autor vê um papel que foi determinado para a América Latina

¹ Graduando em História que está no sétimo semestre. Atualmente realiza sobre História Intelectual. Bolsista PUB.

dentro da organização do capitalismo mundial e exprime seus argumentos situando-a, ao longo de quatro séculos de História, como uma narrativa do subdesenvolvimento que, ao mesmo tempo, integra o desenvolvimento deste capitalismo mundial. Isso remete às teorias do desenvolvimento que surgiram no pós-guerra, as quais buscavam “[...] explicações para o ‘atraso’ de um grande conjunto de países e a um só tempo as possíveis ações de superação dessa condição” (BAPTISTA FILHO, 2009, p. 11).

Seguindo por esse caminho, logo no prefácio de sua obra, Galeano lamenta que seu romance não tenha perdido atualidade, já que mesmo após algumas décadas da publicação, esse “atraso” não foi superado e a América Latina continua sendo explorada.

O trecho seguinte mostra como ele enxerga a história, passado e futuro.

A história não quer se repetir - o amanhã não quer ser outro nome do hoje -, mas a obrigamos a se converter em um destino fatal quando nos negamos a aprender as lições que ela, senhora de muita paciência, nos ensina dia após dia. (GALEANO, 2010, p. 5).

Diante dessa colocação é possível notar que o autor vê a exploração da América Latina como algo recorrente, um fato histórico. Porém, podemos aprender com essa exploração, já que tornou-se parte de nossa história. Assim, Galeano parece entender ser possível aprender com o passado, por isso que, ao longo da obra, narra os acontecimentos que culminaram no destino atual da América Latina (de continente subdesenvolvido), ao mesmo tempo em que difunde informações desconhecidas ao leitor, pois, segundo ele, “[...] divulgar ideias alheias e experiências próprias que talvez ajudem um pouco, em sua realidade medida, a aclarar as questões que nos perseguem desde sempre.” (GALEANO, 2010, p. 348). Ou seja, o passado pode oferecer respostas às inquietações que afligem o povo latino-americano, como também servir de ensinamento para aqueles que desejarem ouvir.

Galeano mostra um papel que foi determinado para a América Latina como um espaço que se “[...] especializou em perder desde os tempos mais remotos em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta” (GALEANO, 2010, p. 17). Além disso, ele deixa claro que o subcontinente sempre fez e continua fazendo concessões ao capital estrangeiro, e que, dessa forma, nunca conseguirá desenvolver-se por si próprio.

Logo, o autor exprime seus argumentos situando sua obra, ao longo de quatro séculos de História, como uma narrativa do subdesenvolvimento e que, ao mesmo tempo, está integrada na narrativa do desenvolvimento do capitalismo mundial.

Em seguida, Galeano afirma que o único denominador comum entre a América espanhola e a portuguesa é a espoliação pela Metrópole. Isso parece mostrar que, apesar das diferenças culturais, sociais e econômicas, a América Latina possui um passado em comum, já que foi e é vítima do colonialismo imposto pelos vencedores, o que provoca uma relação de dependência entre os chamados países periféricos e o centrais. É possível notar isto na seguinte passagem da obra:

Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória dos outros. Nossa riqueza sempre gerou pobreza por nutrir a prosperidade alheia: os impérios e seus beaguins nativos. Na alquimia colonial e neocolonial o ouro se transfigura em sucata, os alimentos em veneno. (GALEANO, 2010, p. 18-19).

E também nesta:

Para os que concebem a História como uma contenda, o atraso e a miséria da América Latina não são outra coisa senão o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas aqueles que ganharam só puderam ganhar porque perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina íntegra, como já foi dito, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. (GALEANO, 2010, p. 18).

Deste modo, ele deixa claro que entende a História como um conflito, com um viés pessimista, pois parece estabelecer que há apenas aqueles vencedores e perdedores, sem haver disputas pela hegemonia. Para Galeano, existe somente uma fatídica derrota, uma luta de classes com papéis pré-determinados sem margem de ação para os vencidos.

Conseqüentemente, ao ser fiel aos seus pressupostos, a obra foca nas continuidades do colonialismo e imperialismo ao traçar paralelos entre os diferentes modos de espoliação que ocorreram, sem parecer considerar as rupturas que aconteceram no trajeto. O autor parece utilizar-se dessa perspectiva, pois, segundo ele, o ser humano se nega a aprender as lições que o passado tenta lhes ensinar diariamente, o que culmina em um destino que não será alterado enquanto não ouvirmos nossa própria história. Portanto, devemos aprender com o passado para romper com o subdesenvolvimento.

Partindo de uma perspectiva benjaminiana, Galeano estaria então atuando como historiador “materialista” em sua narrativa, já que é “[...] capaz de identificar no passado os germes de uma outra história, capaz de levar em consideração os sofrimentos acumulados e de dar uma nova face as esperanças frustradas”. (BENJAMIN, 1987, p. 8).

Dessa maneira, ao fim da introdução de *As veias abertas da América Latina*, Galeano afirma que a “História é um profeta com o olhar para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será.” (GALEANO, 2010, p. 25). Isto parece, novamente, ser um esboço de um

“historiador materialista” (BENJAMIN, 1987, p. 8) de identificar os germes de uma outra história, sendo que nesta “nova história” as relações de poder seriam alteradas, a dependência seria rompida. A narrativa que é proposta pelo autor não almeja ser imparcial, mas contrária a tudo aquilo que culminou no presente subdesenvolvimento da América Latina. Deste modo, ao realizar essa ruptura é possível romper com o imobilismo e partir rumo “[...] à superação humana dos limites impostos pela sociedade de classes, da ordem burguesa” (PIMENTEL E SILVA, 2019, p. 34), o que parece estar de acordo com os pressupostos marxistas de Galeano.

Portanto, é possível concluir que a tese da obra, como afirma Vesentini, é:

[...] que um país ou uma região desenvolvida sempre conseguiu esse feito graças não à produção interna, ao sobretrabalho como diria Marx, e sim à exploração de outros países ou regiões, que por esse motivo são cada vez mais pobres e miseráveis [...] (VESENTINI, 2009, p. 4).

A afirmação anterior aparenta ser justificada, pois há logo de início em *As veias* citações que a corroboram, como: “A divisão internacional do trabalho significa que alguns países se especializam em ganhar e outros em perder.” (GALEANO, 2010, p. 17). Deste modo, Galeano emprega uma noção sobre o passado que dialoga com a História Marxista, já que deseja que a América Latina aprenda com a futuro para engendrar um futuro melhor para si.

Entretanto, mesmo empregando uma visão que aparenta ser marxista, citações de Marx e Engels na obra são escassas, apesar de Galeano dialogar com escritores e pensadores marxistas, como o sociólogo brasileiro Darcy Ribeiro, o economista brasileiro Celso Furtado e o economista alemão André Gunder Frank, intelectuais que são importantes para compreender esse papel definido na obra para a América Latina. Deste modo, ele questiona “O passado é mudo? Ou continuamos sendo surdos?” (GALEANO, 2010, p. 2).

Assim, Galeano afirma que “[...] para que a América Latina possa renascer, será preciso derrubar seus donos, país por país.” (GALEANO, 2010, p. 346), pois a exploração dos diversos recursos de todo o continente é realizada por esses donos. A riqueza de recursos do continente, por sinal, como também a exploração desses pelos espoliadores é afirmada diversas vezes ao longo da obra, por exemplo:

Essa triste rotina dos séculos começou com o ouro e a prata, e seguiu com o açúcar, tabaco, o guano, o salitre, o cobre, o estanho, a borracha, o cacau, a banana, o café, o petróleo... O que nos legaram esses esplendores? Nem herança nem bonança. (GALEANO, 2010, p. 5).

Assim sendo, o autor se situa contra as posições do liberalismo econômico, como na seguinte passagem:

Segundo a voz de quem manda, os países do sul do mundo devem acreditar na *liberdade de comércio* (embora não exista), em *honrar a dívida* (embora seja desonrosa), em *atrair investimentos* (embora sejam indignos) e em *entrar no mundo* (embora seja pela porta de serviço)². (GALEANO, 2010, p. 5) .

O seguinte trecho corrobora a visão de que Galeano adota a postura de um “historiador materialista”, (BENJAMIN, 1987, p.8) que busca no passado uma alternativa para o presente, um outro caminho a ser trilhado.

Este livro é uma busca de chaves da história passada que contribuem para explicar o tempo presente, que também faz história, a partir do princípio de que à primeira condição para mudar a realidade é conhecê-la. (GALEANO, 2010, p. 348)

Se a obra continua atual, o futuro não mudou porém, a ruptura e o progresso não vieram. A história da América aparenta estar emperrada, imóvel, já que Galeano parece utilizar na obra uma compreensão de que história é uma evolução, não apenas mudanças e continuidades.

Quanto ao passado a ser contado, Galeano almeja demonstrar em sua obra uma história específica, que, como o próprio autor afirma ao longo da obra, não é aquela dos heróis com capas, mas, sim, dos vencidos, humilhados e despojados. Sendo assim, “Obriga-se o oprimido a ter como sua uma memória fabricada pelo opressor, alienada, dissecada, estéril.” (GALEANO, 2010, p. 348). E, como história também é memória, o vencedor engendra sua versão na mente do vencido, o que faz com que o último acredite que ambos possuem um passado em comum. Essa perspectiva de Galeano dialoga com os pressupostos da História Social, que segundo Hobsbawm (2013) “pode ser como uma história dos pobres ou das classes mais baixas com foco na história do trabalho e das idéias e organizações socialistas” (HOBSBAWM, 2013, p.63)

Assim, para Galeano, a história dos vencidos e vencedores parece ser intrinsecamente ligada ao sistema econômico capitalista, já que os papéis sociais e econômicos dentro desse sistema foram estabelecidos pelos colonizadores e imperialistas no passado e continuam até o presente o momento. Isso pode ser observado no seguinte trecho: “O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar foram sucessivamente determinados, do exterior, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo.” (GALEANO, 2010, p. 18).

Dessa forma, em sua obra, Galeano enxerga o subdesenvolvimento da América Latina como uma consequência do desenvolvimento dos polos do capital, como a Europa e os Estados

² Os grifos são de Galeano.

Unidos. Isso pode ser constatado na seguinte frase: “O subdesenvolvimento não é uma etapa do desenvolvimento. É a sua consequência.” (GALEANO, 2010, p. 372). Também é possível notar aqui a influência das teorias de desenvolvimento e de dependência de autores como André Gunder Frank e Theotônio dos Santos, pois eles “[...] achavam que o subdesenvolvimento era apenas uma construção do imperialismo e a ele permanecia subordinado”.(MANTEGA, 1997, p. 44) Logo, “a dinâmica da periferia seria apenas derivada da dinâmica do centro, pelo menos enquanto não houvesse nesses países periféricos uma revolução socialista, que rompesse os laços de dependência.”(MANTEGA, 1997, p. 44) Também é possível perceber que no contexto da obra “[...] que a questão do desenvolvimento deixava de ser uma questão meramente econômica para ser uma questão política.” (MANTEGA, 1997, p. 45)

Outro ponto é que, segundo Galeano, não há compatibilidade entre o *modus operandi* capitalista e a história dos homens, já que os seres humanos estão em constante mutação, enquanto o paradigma perfeito para compreender o capitalismo seria a imutável sociedade das formigas, já que em ambos os casos as funções sociais são estabelecidas e permanecem sempre as mesmas, sem haver margem para mudanças.

É importante ressaltar que, apesar de o autor notar que há mudanças nos seres humanos, ele não as explora em sua obra. Isso acontece pois Galeano parece visar apenas as continuidades com o intuito de mostrar a necessidade do rompimento com a contínua exploração.

Um ponto importante da história do mundo para o autor são as descobertas realizadas no período das Grandes Navegações, visto que, segundo Galeano:

Na Idade Média, uma bolsa de pimenta valia mais do que a vida de um homem, mas o ouro e a prata eram as chaves que o Renascimento usava para abrir as portas do Paraíso no céu e as portas do mercantilismo na Terra. A epopeia de espanhóis e portugueses na América combinou a propagação da fé cristã com a usurpação e o saque das riquezas indígenas. (GALEANO, 2010, p. 32)

Diante disso, a América Latina é vista como o ponto chave no surgimento do mercantilismo e, conseqüentemente, do capitalismo, já que foi colonizada e usurpado por meio da dominação pela fé e a espoliação, propiciando então os meios para que esses tanto o mercantilismo e o capitalismo pudessem ocorrer. Essa passagem é também importante por abordar a questão da fé católica, que é posta de lado em grande parte da obra em virtude das questões econômicas.

Outro ponto é a noção, que estava implícita na obra, de que as riquezas indígenas seriam dos povos latino-americanos, além da noção da exploração contínua por cinco séculos. Isto é problemático, já que muitos daqueles nascidos na América não são descendentes de indígenas,

ou seja, não podem reivindicar para si uma história de exploração que não é sua, como Galeano parece fazer.

É possível adotar uma mesma visão crítica sobre a exploração, entretanto a espoliação que os indígenas sofreram é demasiadamente diferente daquela imposta pela ordem capitalista na atualidade, principalmente na estrutura da sociedade de classes utilizada por Galeano ao argumentar sobre passagens mais recentes do passado da América Latina. A obra aborda a opressão sofrida pelo povo latino americano como forma de ensinar sobre o passado da América Latina, porém é necessário levar em conta que cada processo, cada forma de espoliação foi sofrida, sentida e vivida por diferentes povos e não por um mesmo, haja vista em cada uma das nações latino-americanas há problemas, pendências, questões e memórias diferentes. A questão da escravidão africana, por exemplo, que ocorreu principalmente no Brasil, deve ser compreendida de forma diferente da questão do trabalho compulsório indígena, já que são fenômenos históricos diferentes, apesar de semelhantes em certo ponto.

Galeano visa o melhor para aquele que considera seu povo e, devido a isso, considera o liberalismo, a doutrina imposta pelos EUA e Europa, extremamente nociva à América Latina. Devido a isto, ao longo do texto são expostos os modos de espoliação que ocorrem por meio da liberdade de comércio e mercado, com o intuito de que o povo latino-americano aprenda que tal doutrina apenas enriquece o centro, enquanto a periferia torna-se mais pobre. Isso é parte do pensamento desenvolvimentista, o qual segundo Mantega enxergava que:

[...] o liberalismo e os mecanismos de mercado serviam para regular economias capitalistas avançadas e estimular o seu crescimento, mas eram ineficientes para tirar a periferia do subdesenvolvimento. (MANTEGA, 1997, p. 14).

Esse liberalismo, entretanto, para Galeano, seria exportado pela Inglaterra e pelos EUA, mas seria implementado apenas fora desses dois países. É possível perceber isso neste trecho:

Como a Inglaterra, os Estados Unidos também exportará, a partir da Segunda Guerra Mundial, a doutrina do livre-câmbio, do livre-comércio e da livre concorrência, mas só para o consumo alheio. O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial nasceram juntos para negar aos países subdesenvolvidos o direito de proteger suas indústrias nacionais, e para neles esmorecer a ação do Estado. Serão atribuídas infalíveis propriedades curativas à iniciativa privada. No entanto, os Estados Unidos não abandonarão uma política econômica que continua sendo, na atualidade, rigorosamente protecionista [...] (GALEANO, 2010, p. 271-272)

Assim, para Galeano, romper com o passado é romper com o liberalismo econômico e, conseqüentemente, com o subdesenvolvimento, já que ele parece seguir o pensamento de autores marxistas como André Gunder Frank, Rui Mauro Marini e Theotônio dos Santos, pois para esses autores não haveria “[...] meio termo para um país semicolonial e num papel de subordinado no concerto capitalista mundial” (MANTEGA, 1997, 25). Logo, “Somente a revolução socialista poderia libertar o País do subdesenvolvimento e da estagnação a que estaria condenado enquanto satélite das grandes potências.”

O método em “As veias”

A partir dos pressupostos pontuados anteriormente e, utilizando dados estatísticos, tabelas e algumas fontes, Galeano engendra uma narrativa sobre a rapinagem, sendo que através disso busca mostrar parte da especulação, da exploração, das revoltas e disputas que ocorreram na América Latina. Essa narrativa dialoga com autores importantes do marxismo, como dito anteriormente mas apresenta alguns problemas que serão traçados em seguida.

O autor, no fim da obra, admite não ser um especialista no assunto que aborda e que sua intenção é: “Um autor não especializado se dirigia a um público não especializado, com a intenção de divulgar certos fatos que a história oficial, história contada pelos vencedores, esconde ou mente.” (GALEANO, 2010, p. 347). Dessa maneira, sua proposta de divulgar conhecimento científico é válida, porém sua teoria e método podem enviesar o conhecimento histórico, haja vista que as fontes usadas não aparentam ser confrontadas com outras do mesmo período, além de que alguns fenômenos apresentados não são explicados. A teoria de que o passado ensina é pautada na concepção de que podemos aprender com nossos erros e dialoga com correntes historiográficas, como o marxismo, com seu viés voltado à luta de classes, o determinismo, através de um pensamento cíclico, e o historicismo, ao pensar o futuro por meio do passado.

É possível notar na obra a visão de história de alguém fora da Academia, que não é especializado, como dito pelo próprio autor, mas que, ao escrever uma narrativa que aparenta apresentar fatos novos para o leitor, não parece mostrar possuir um método de verificação dos fatos antes de ter a pretensão de criar uma narrativa histórica. Creio ser importante que, para ouvirmos e aprendermos com nossa história, tenhamos como verificar os acontecimentos com o intuito de que o passado seja verdadeiro ao menos em parte, sendo possível constatar os fatos não com julgamento, mas com compreensão, como afirmou Marc Bloch (2001).

A história chega até o presente por diversos caminhos e é essa variedade que a torna tão rica. O modo com que Galeano mostra construir sua narrativa, não confrontando fontes e ideias,

parece tornar a obra muito próxima a um livro de fantasia e pode afastar o leitor da realidade histórica. Deste modo, ao não checar e confrontar as fontes com outras do mesmo período, o autor rompe com um dos principais métodos que se é utilizado para fazer escrever a História, a checagem documental. Um exemplo pode encontrado na seguinte citação: “Com pesar, Colombo escrevia aos reis em 1503 [...]” (GALEANO, 2010, p. 32). O autor traz um fato, mas não o questiona, sendo que um ponto importante para o historiador é saber fazer boas questões e problematizar os acontecimentos com uma concepção que os situe no tempo histórico.

Assim, revelar quais seriam essas cartas e intuito delas faz-se necessário para a construção de um conhecimento sobre o passado que se aproxime da verdade. Creio, portanto, que o autor não pretendeu ser imparcial, tanto na leitura das fontes, como em sua narrativa, já que muitas vezes os fatos e situações parecem ser descontextualizados para corroborar a ideia central. Isso pode acabar comprometendo até mesmo o intuito que Galeano parece possuir com sua obra, visto que para aprendermos com o passado, ele deve ser construído em bases sólidas, que possam ser checadas, comprovadas e debatidas.

Tudo isso parece ocorrer para que o argumento de Galeano de que a exploração da América Latina é algo infundável enquanto não aprendemos com passado e rompermos com ele, funcione. Galeano também poderia atualizar os dados da sua obra na luz das novas descobertas historiográficas, ou seja, fazer a crítica de seu próprio livro. Isso não foi feito, apesar das diversas reedições.

O autor possui a noção de que sua obra apresenta problemas, já que afirma: “Sei que pode parecer sacrílego que este manual de divulgação fale de economia política no estilo de um romance de amor ou de piratas.” (GALEANO, 2010, p. 347). O problema não parece estar na linguagem utilizada ou em romper com a narrativa acadêmica, mas em utilizar argumentos que não são corroborados por fontes. Obras que desejam divulgar conhecimento devem possuir uma linguagem menos rebuscada como *As veias*, porém devem ser pautadas em uma busca objetiva pela verdade através de métodos e teorias que sejam claros ao leitor. Do mesmo modo, problematizar e confrontar as fontes, assim como apresentá-las seja nas notas de rodapé ou no fim do capítulo/obra é crucial para que o leitor possa chegar nas mesmas conclusões que o autor. Sem isso qualquer obra de divulgação torna-se um livro de literatura sem compromisso com o real. Sendo assim, creio que Galeano apenas julga os acontecimentos por meio de sua ideologia, utilizando uma bibliografia curta para uma obra com um recorte tão extenso, o que parece engendrar uma narrativa totalmente parcial e que destoa dos fatos, o que pode não servir ao propósito de divulgação de conhecimento sobre o passado. Por conseguinte, o autor afirma que “[...] o conhecimento é um privilégio das elites” (GALEANO, 2010, p. 348). No entanto, creio

que adquirir conhecimento por meios duvidosos, ou seja, que não podem ser checados, possui efeitos mais nocivos do que desconhecer, visto que acima de tudo, todo o conhecimento deve ser pautado em uma busca pela verdade, mesmo que seja uma verdade relativa e que pode ser discutida, como é a de natureza histórica, pois senão pode tornar-se algo falacioso.

Quanto à visão de História que Eduardo Galeano apresenta em *As veias*, apesar de utilizar alguns pressupostos metodológicos, conceitos e abordagens que são importantes na construção de uma narrativa sobre passado, ela é limitada ao que ele acredita ser verdadeiro e útil, pois não há nenhuma confrontação ou análise profunda de fonte, como dito anteriormente. O autor visa expor informações desconhecidas, porém isto consiste em uma narrativa histórica rasa e que pode ser facilmente refutada, haja vista que as fontes são tiradas de seu contexto original³, constituindo-se como algo extremamente parecido com o que na contemporaneidade os acadêmicos rechaçam, isto é, livros que possuem uma narrativa ou perspectiva que aborda o passado, mas que são feitos por estudiosos de outras áreas, tais como as obras de Leandro Narloch e Laurentino Gomes. Dentro disso, é possível destacar que Galeano também faz conclusões com pouco ou nenhum embasamento, como na seguinte citação: “Os metais arrebatados aos novos domínios coloniais estimularam o desenvolvimento europeu e até pode se dizer que o tornaram possível.” (GALEANO, 2010, p. 43). Aqui, apesar de expressar uma reflexão coerente sobre o passado, não são apresentadas evidências concretas. Galeano parece mostrar não importar-se com as evidências empíricas e ter como objetivo selecionar cuidadosamente citações que aparentam comprovar seu argumento principal.

Conclusão

A história da América Latina para Galeano seria uma narrativa do subdesenvolvimento e da estagnação que foram causadas pela exploração que o continente sofreu por séculos. Sendo assim, o autor parece utilizar os pressupostos teóricos marxistas para compreender como se deu essa exploração, possuindo o intuito de um “historiador materialista” (BENJAMIN, 1987, p. 8), que é “[...] capaz de identificar no passado os germes de uma outra história, capaz de levar em consideração os sofrimentos acumulados e de dar uma nova face as esperanças frustradas”. (BENJAMIN, 1987, p. 8). O autor também dialoga com os intelectuais marxistas de seu tempo, como Theotônio dos Santos, Darcy Ribeiro e André Gunder Frank, que enxergavam no rompimento com o liberalismo econômico, com a estagnação e com o subdesenvolvimento, um

³ Há uma citação de George W. Bush que não é referenciada diretamente e também é retirada do seu contexto, o que pode distorcer o sentido completo da fala.

novo futuro. Esse rompimento visaria o progresso, a evolução, o futuro, o telos marxista da Revolução Socialista. Galeano engendra sua própria maneira de ver o passado, como um profeta que vê o passado para anunciar o futuro, como se houvesse um destino e apenas um só caminho a ser trilhado, o da ruptura, mudança e progresso.

O que parece afetar a narrativa da obra é o recorte denso, longo e amplo, que exigiria anos de pesquisa para que a obra cumprisse com sua proposta de ensinar sobre o passado. Isso aparenta ser mais explícito quando o autor, em entrevista recente, afirmou que: “não tinha a formação necessária. Não estou arrependido de tê-lo escrito, mas foi uma etapa que, para mim, está superada”.

Portanto, o oráculo historiográfico que o autor propõe, portanto, consegue enxergar o passado como meio de alterar o futuro, mas é cego para as mudanças que ocorreram até o presente, de modo que estabelece um forte diálogo com as obras contemporâneas de historiografia não acadêmica que se utilizam de uma interpretação que aparenta ser pouco fiel às fontes meio de justificar um ponto de vista unilateral e parcial sobre o passado, sem confrontar ideias divergentes. Consequentemente, ao tentar iluminar o povo ao qual pertence com o conhecimento sobre o passado, Galeano parece situar os fatos objetivos em segundo plano em virtude de suas crenças pessoais.

Os pressupostos teóricos estão alinhados ao neomarxismo da época que a obra foi publicada, mas os métodos utilizados aparentam ser poucos claros e, de certo modo, insuficientes para uma obra que aborda séculos de história de um continente tão vasto. A bibliografia é escassa e algumas fontes e citações aparentam estar descontextualizadas, o que pode engendrar argumentos falaciosos.

Referências bibliográficas

BAPTISTA FILHO, Almir Cezar de Carvalho. **Dinâmica, determinações e sistema mundial no desenvolvimento do capitalismo nos termos de Theotônio dos Santos:** da Teoria da Dependência à Teoria dos Sistemas-mundo. Dissertação de Mestrado apresentada como ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas:** Magia E Técnica, Arte E Política - Vol.1. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 253 p.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001

FRANK, André Gunder. The development of underdevelopment. **Monthly Review Press**, vol. 18, n. 4, New York, set. 1966.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina.** Editora L&PM, 2010.

GALEANO, E. **Open Veins of Latin America: Five Centuries of the Pillage of a Continent.** New York: Monthly Review, 1997.

HOBBSAWM, Eric. Da história social à história da sociedade. In: HOBBSAWM, Eric. **Sobre História.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

MAESTRI, Mário. **A Guerra Contra o Paraguai: História e Historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002].** Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds, 2009.

MANTEGA, Guido. **Teoria da Dependência Revisitada - um Balanço Crítico.** São Paulo, FGV-EAESP, 1997.

NETTO, José P. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANA, D, LOMBARDI SANFELINE, JL. **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual.** Campinas: Autores Associados; 1998. p. 50-64.

PIMENTEL E SILVA, Christiane. O método em Marx: a determinação ontológica da realidade social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 134, p. 34-51, abr. 2019.

TV BRASIL. Escritor Eduardo Galeano é homenageado na Bienal do Livro e Leitura de Brasília. 2014. (2min08s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7x4S3QCKxT0>. Acesso em 29 dez. 2019.

VESENTINI, José William. **Resenha crítica do livro As veias abertas da América Latina, de Eduardo Galeano.** São Paulo: GeoCrítica, 2009.